

MISOGINIA E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO PENSAMENTO E NA LITERATURA DA IDADE MÉDIA: ABORDAGENS INTERDISCURSIVAS*

Pedro Carlos Louzada Fonseca
Universidade Federal de Goiás

RESUMO: Os estudos acerca da representação da mulher no pensamento e na literatura medieval constituem, nos meios acadêmicos e de investigação científica, tanto no nível da pesquisa como no do ensino, um importante campo de reflexão que, examinando as formações históricas e culturais que, ideológica e politicamente informam essa representação do feminino, a qualificam como constituída essencialmente por uma forte disposição androcêntrica que se caracteriza por denegrir e apresentar uma visão principalmente misógina da realidade feminina. Tendo em vista os pressupostos dessa afirmação, o objetivo do presente capítulo é apresentar os resultados obtidos em virtude da experiência de atividades de pesquisa e de ensino empreendidas pelo seu autor acerca dos momentos fundamentais e interdiscursivos da formação do ideário dessa peculiar misoginia medieval, partindo das suas raízes fincadas na antiguidade clássica, passando pela tradição judaico-cristã, literatura patrística e seu legado medieval, até chegar à formação não só de um tipo especial de literatura satírica do feminino escrita no latim medieval mas também de significativos escritos vernaculares de postura antimulher da tardia Idade Média.

Palavras-chave: Literatura medieval, Representação da mulher, Misoginia

ABSTRACT: Studies on the representation of woman in medieval thought and literature constitute, both at the level of research and teaching, an important field of reflection in academic and scientific research which, examining the historical and cultural formations that ideologically and politically inform this representation of the feminine, qualify it as constituted essentially by a strong androcentric disposition that is characterized by denigrating and presenting a mainly misogynistic view of the feminine reality. Considering the assumptions of this statement, the purpose of this chapter is to present the results obtained by virtue of the experience of research and teaching activities undertaken by its author about the fundamental and interdiscursive moments of the formation of the ideology of this peculiar medieval misogyny starting from its roots established in classical antiquity, going through the Judeo-Christian tradition, patristic literature and its medieval legacy, until arriving at the formation not only of a special type of satirical literature of the feminine written in medieval Latin but also of significant vernacular writings of anti-female posture of the late Middle Ages.

* Este trabalho é produto parcial da pesquisa intitulada “Mulher difamada e mulher defendida no pensamento medieval: textos fundadores”, que integra a Rede Goiana de Pesquisa sobre a Mulher na Cultura e na Literatura Ocidental da Fapeg – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás. A pesquisa, sob a coordenação do Prof. Dr. Pedro Carlos Louzada Fonseca, recebeu apoio financeiro dessa instituição de fomento para o período de 2013 - 2015. É também produto de plano de trabalho de projeto de pesquisa relacionado ao tema e intitulado “A mulher na visão dos Padres da Igreja e do seu legado medieval: estudo e leitura de textos fundamentais”, desenvolvido em estágio de pós-doutorado em 2013 - 2014, com bolsa da Fapeg – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás, junto ao Programa de Pós-Doutorado da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, sob a supervisão da Profa. Dra. Maria do Amparo Tavares Maleval.

Keywords: Medieval literature, Representation of woman, Misogyny

O presente trabalho tem como objetivo investigar o fato de que a representação da mulher no pensamento e na literatura da Idade Média constitui, entre os estudiosos da matéria, tanto no nível do ensino como no da pesquisa, um importante campo de investigação. Examinando-se as formações históricas e sócio-culturais dessa representação do feminino, é de se verificar que ela se apresenta constituída por uma forte disposição androcêntrica que se caracteriza por denegrir e mostrar uma visão principalmente misógina da realidade feminina. Tendo por base os termos dessa afirmação, o trabalho apresenta-se aqui dividido em dois momentos. Num primeiro momento, é exposta a justificativa do estudo que ele contém, qual seja, alguns pressupostos crítico-teóricos que fundamentam a ideia da existência de uma postura misógina a percorrer o pensamento e a expressão literária medievais. Esse momento constitui a justificativa do trabalho. Num segundo momento, o trabalho apresenta um comentário dos principais produtos obtidos em virtude da sua realização, a saber, artigos, trabalhos completos em anais de eventos científicos e versões de livros que têm o propósito de se constituírem como material de ensino e de pesquisa acerca da imagem da mulher e da sua representação misógina medieval.

Acerca da justificativa do estudo que o trabalho realiza, é de se partir da verificação preliminar de que os infelizes e ultrajantes pronunciamentos misóginos constantes no pensamento e na literatura da Idade Média consideraram, enquanto marcada vertente da mentalidade tradicional da cultura ocidental, a mulher de forma visivelmente preconceituosa e derogatória, principalmente em se tratando do fato de ela poder ser relevada como portadora de faculdades superiores.

Da imensa quantidade de textos misóginos produzidos na Idade Média, parece ser de referência e influência clássicas, dada a sua adquirida aura de *auctoritas*, o antimatrimonial *Liber de nuptiis* [Livro sobre o casamento], de Teofrasto (c. 372-288), com invocada autoridade citado por São Jerônimo (c. 342-420) em *Adversus Jovinianum* [Contra Jovinianus] (c. 393), dissuadindo os verdadeiros cristãos do casamento (Delhaye, 1951; Schmitt, 1971), chegando a motivar grandes obras pró-celibato como, por exemplo, a *Theologia Christiana* [Teologia cristã] (c. 1124), de Abelardo (1079-1142) (Abelard, 1948, II. 94-106), e o *Policraticus* [Policrático] (c. 1159), de John de Salisbury (John of Salisbury, 1909, VIII, 11). Seguidamente à obra de

Teofrasto, comparecem a não menos virulenta obra antimatrimonial de Walter Map (1140-c. 1209) intitulada *The Letter of Valerius to Ruffinus, against Marriage* [A Carta de Valerius a Ruffinus, contra o casamento] (c. 1180) (1983, p. 287-313) e o mais triste dos livros de sabedoria da Bíblia medieval, o Eclesiástico (Richard de Bury, 1960, 42-4; Pratt, 1962, 13). Para esses autores e obras, como para tantos outros escritos misóginos surgidos na sua esteira, o celibato representava não só a superação da desgraçada vida de casado como também a verdadeira condição de uma vida de excelências morais, intelectuais e espirituais.

Entretanto, se tais obras e autores constituíam-se como distinta referência para o pensamento e para a literatura medievais de natureza misógina, é de se considerar que a sua tradição encontra-se iniciada em textos e autores anteriores que se representam como verdadeiras raízes da misoginia medieval, quais sejam, a antiga lei judaica, Hesíodo (c. 750 a. C.), que já dizia da praga do mal introduzida no mundo através da mulher (Allen, 1985, 14-15), Ovídio (43 a. C.-18 d. C.), Juvenal (princípio do século II), os antigos estudos de fisiologia de Aristóteles (384-322 a. C.), contidos em *De generatione animalium* [Sobre a geração dos animais] (Aristotle, 1963, 91-3, 97, 101-3, 109, 173-5, 185, 459-61) e de Galeno (131-201), em *De usu partium* [Sobre a utilidade das partes do corpo] (final do século II) (Galen, 1968, ii, 630-2), os quais subestimaram o corpo feminino como deformado e impuro, frente à perfeição do corpo masculino, com as suas eficazes propriedades gerativas e intelectivas (Rousselle, 1988, 12-20; JACQUART e THOMASSET, 1988, 55-56).

Por uma espécie de habilidosa correspondência analógica, as condenações da natureza e da fisiologia femininas correspondiam a pronunciamentos misóginos instruídos pelo entendimento teológico medieval. Por exemplo, e para se citar aqui talvez o mais influente enciclopedista da Idade Média, Santo Isidoro de Sevilha (c. 570-636), em *Etymologiae* [Etimologias] (Isidore of Seville, 1911, XI. i. 140), comenta sobre o poder destrutivo e maléfico do mêsruo, evidenciando assim o perigo da realidade ginecológica. Nesse particular, Santo Isidoro de Sevilha estava seguido a *Naturalis Historia* [Historia natural] (77-79 d. C.) (Pliny, 1962) e, impulsionando uma sólida tradição que tratou dos danos provocados pelo sangue menstrual representada, entre outros, pelo Papa Inocêncio III, em *De misera condicionis humane* [Sobre a mísera condição humana] (Innocent, 1978, I. 4). Sobre essa tendenciosa associação da teologia com a fisiologia na misoginia medieval, Harold Bloch comenta que, para a

postura misógina da Idade Média, existe uma analogia entre a teologia e a realidade ginecológica da mulher (1987, 20). Na patrística medieval, Santo Agostinho (354-430) é um exemplo ilustrativo da preconceituosa corporiedade da mulher. Apesar de ter considerado o que Gálatas 3: 26-28 diz acerca da equivalência teológica dos dois sexos, e não concordando, em *De Trinitate* [Sobre a Trindade] (Augustine, 1963, XIII. 13), com a equação da mulher ao corporal, ainda assim considerava a maior predisposição feminina para as solitudes materiais e sensoriais como perturbadora da serenidade e da espiritualidade da mente masculina (Borresen, 1981, 25-30). Santo Ambrósio (c. 339-397), em *De Paradiso* [Sobre o Paraíso] (c. 375), propõe uma interessante alegoria para ilustrar Queda de Adão e Eva do Paraíso, na qual a mulher representa os sentidos do corpo e o homem, a mente. Dessa forma engendrado, o corpo feminino é a sede dos prazeres que agitam os sentidos, os quais, por sua vez, afetam a mente (Ambrose, 1961, XV, 351).

Uma das mais urgentes preocupações, especialmente problemática para os Padres da Igreja, foi a questão de a mulher ser considerada apropriada para a companhia dos homens. São Paulo, refletindo sobre o assunto, comenta sobre o empecilho que o casamento e a família poderiam representar não só para a consolidação institucional do cristianismo, mas também para o alcance da excelência mental e espiritual do homem. Sobre esse mesmo tema e tocando nessas considerações, São Jerônimo, fiel seguidor dos preceitos paulinos, comenta em *Adversus Helvidium* [Contra Helvídio] (Jerome, 1892, XXII, 758-778). Fundamentado em Mateus 19: 12, em *Adversus Jovinianum*, diz o santo que é felicidade incomparável ser o homem não servo de uma esposa, mas sim de Cristo, a fim de servir não à carne mas o espírito (Jerome, 1892, I. 11, 779-907).

Se essa distração matrimonial e familiar podia ser teoricamente evitada, principalmente entre os mais devotos seguidores religiosos, o que, entretanto, não deixava de os inquietar era o consenso de a mulher ser um repositório de vícios e um lascivo convite ao homem os descaminhos do pecado (Owst, 1933, 395). Desse modo, a mulher, devido ao fato de meramente existir ou cultivar a sua aparência, a foi recorrentemente metaforizada como uma mortífera espada desembainhada e um perigoso poço destapado. Essa terrível imagística misógina pode ser conferida, entre outras fontes, em Tertuliano (c. 160-c. 225), em *De cultu feminarum* (século I ou II) [Sobre a aparência das mulheres] (Tertulian, 1959, II. 2) e em *The Ancrene Riwe*

[Manual para as religiosas reclusas] (1955, II), um tratado anônimo do século XIII ou antes.

Como consequência dessa existência feminina pecaminosa, o tema do seu impuro e embusteiro olhar foi frequentemente glosado pelos Padres da Igreja, a exemplo das advertências de São João Crisóstomo (c. 347-407) (Bloch, 1987, 15). Marbod de Rennes (c.1035-1123) começa o *De meretrice* [Sobre a meretriz] partindo desse perverso tema do olhar da mulher (1984, cap. III). Enfim, a mulher era para essa tradição misógina medieval um recurso infeliz, uma perpétua fonte de desavenças e de discórdias, conforme pode ser lido em *Adversus Jovinianum* (Jerome, 1892, I. 48, 779-907), de São Jerônimo, fiel herdeiro dessa e de outras ideias expostas por Ovídio, em *Amores* (Ovid, 1982, II. 12), e em Juvenal, em sua glosada *Sátira VI* (Juvenal, 1958, 242-43). Desse modo, a visão dessa disposição embusteira da mulher, não raras vezes considerada agenciada pelo diabo, embasava, entre outras ideias acerca da sua impropriedade para misteres mais responsáveis, a política do monopólio masculino no exercício das atividades religiosas mais representantes da fé e da espiritualidade cristãs. Nesse sentido, raríssimas foram as exceções que acorreram em favor da sua emancipação religiosa da mulher (McLaughlin, 1976, 73-90), a exemplo do que propunham os valdenses (século XII) e os lolardos (1380-90) (Capes, 1914, 279; Aston, 1984, 55).

Outro *topos* da misoginia medieval, que pode ser situado ao lado do traiçoeiro olhar da mulher, era-lhe a atribuição do defeito de ser detentora de uma copiosa e extravagante compulsão para falar, a exemplo da *The Wife of Bath* (c. 1390-95) [A esposa de Bath], de Geoffrey Chaucer (c. 1343-1400). Curioso, mas intrinsecamente explicável dentro das premissas do androcentrismo, é o fato notado de que, associada a essa incontinência verbal, encontra-se uma outra compulsão pela qual o feminino era acerbamente censurado e controlado, qual seja, a sua imputada prodigalidade erótica (Patterson, 1983, 662). Entretanto, a ascética obsessão de condenar as mulheres de verem e serem vistas constitui um intrigante paradoxo bastante em voga no século XII, qual seja, a prática de uma adoração cortês da mulher concomitante à acerba denegação da sua realidade (Bloch, 1987, 15). Nesse caso, é de se considerar se esse medo do poder de erotização e de prodigalidade sexual da mulher não se relacionava com um complexo de inferioridade do homem, sendo para a sua autoimagem masculinista simplesmente mais conveniente degradar as mulheres ao nível das mais indecentes

criaturas libidinosas. Ideias desse tipo, e de que a luxúria do amor efeminava os homens, comparecem com incrível insistência no pensamento medieval, a exemplo, do que dizem Santo Isidoro de Sevilha, em *Etymologiae* (Isidore, 1911, XI, ii. 23); Jehan Le Fèvre (séculos XIV-XV), em *Les lamentations de Matheolus* (c. 1371-72) [As lamentações de Mateolo] (1982, II. 1571-1702); Andreas Capellanus (séculos XII-XIII), em *De amore* [Sobre o amor] (c. 1185) (1982, III. 50) e John Gower (c. 1325-1408), em *Confessio amantis* [Confissão de um amante] (1386-90) (1900, VII. 4239, 4292).

Esse equacionamento aristotélico da mulher ao corpóreo fazia dela, segundo a ordem política masculinista, apenas suficiente para pequenos bons conselhos e tomadas de decisão imediata, fato que nem sempre foi indiscutível, conforme pode ser conferido em um dos mais radicais misóginos da tradição satírica no latim medieval, Jehan Le Fèvre, que acabou por ser de opinião em *Le Livre de Leesce* [O livro de Leesce] (1905, 1156-610) que, talvez, as mulheres fossem mantidas fora das profissões legais precisamente porque os homens temiam os seus talentos marcados por distinta tenacidade e sutileza, aspectos que Christine de Pizan (1365-c.1430), retomando-os em defesa da mulher, discute em *Le Livre de la Cité des Dames* [O livro da cidade das damas] (1405-?) (1982, I. 8. 8), considerado o mais consistente estudo da Idade Média elaborado na perspectiva antimisógina.

No início deste trabalho, foram mencionadas algumas obras e autores sempre lembrados, em primeira mão, quando se discute a misoginia medieval. Entretanto, a tradição literária nesse terreno era o que se pode chamar de proficuamente enredada, baseada naquilo que pode ser chamado de *auctoritas* [autoridade]. Entre os Padres da Igreja dos seis primeiros séculos depois de Cristo, *auctoritas* era um extenso conjunto de citações bíblicas que se emparelhavam com citações provindas da literatura romana. Entre os escritores de textos misóginos do século XI em diante, *auctoritas* significou extratos da primeira onda de textos misóginos como, por exemplo, o *Adversus Jovinianum*, de São Jerônimo, o qual foi como que reliberado no século XII; *The Letter of Valerius to Ruffinus, against Marriage*, de Walter Map; e o *De amore*, de Andreas Capellanus.

Além disso, para o contexto da misoginia medieval, esse conceito de *auctoritas* podia ainda significar, entre outras fontes menos citadas, nefastos pronunciamentos bíblicos antimulher, principalmente oriundos de Provérbios, Eclesiastes e Eclesiástico; a segunda das narrativas gêmeas da Criação tratada no Gênesis, junto com o relato da

Queda e da punição de Eva; certas histórias de celebrados heróis bíblicos que se indulgiram no pecado do sexo; as epístolas de São Paulo; máximas ou aforismos de Ovídio, Juvenal, Virgílio e outros; e afirmações extraídas, com o correr dos tempos, de escritos de Padres da Igreja.

Uma das peculiaridades retóricas do uso desse *corpus* misógino era a recorrência homogênea e *ad nauseam* de seus exemplos, tornando essa tradição misógina uma intrincada rede de absorventes relações entre os textos. Não raramente, as citações tomadas fora de seu contexto original, aproveitando o que só interessava do ponto de vista misógino como, por exemplo, as do livro de Provérbios, onde uma citação condenatória de uma mulher má ou estranha era escolhida sem se levar em conta que uma passagem a ela adjacente podia ser um elogio a uma boa mulher (Rogers, 1966, 6-7). Entretanto, muito mais desconcertante do que essa descontextualização era a manipulação de uma citação de forma a extrapolar o seu sentido no contexto original, ocasionando a difamação da figura feminina. É o caso da parcialidade na condenação de Betsabá, uma vez que a Bíblia não dá a entender que ela propositadamente seduzira o rei Davi, com ele cometendo o pecado do adultério. Devido a essas corrupções de leituras tomadas à sua fonte original, não é de se estranhar que a misoginia na literatura medieval dá a impressão de ser constituída de um verdadeiro arsenal miscelânico de provérbios e de imprecções bíblicas contra as mulheres, dando a impressão de que os textos que utilizam esse material são excessivamente formulaicos, repetindo vozes ressonantes de incansáveis lugares-comuns (Mann, 1991, 50; John of Salisbury (1938, 355).

Além das condenações anteriormente apontadas, era ainda imputado às mulheres o compulsório vício de sempre resmungar, associado a uma incontinência verbal abusiva e licenciosa (Bloch, 1987, 4-5), própria de uma língua trocista (Patterson, 1983, 660-61). A ênfase nessas características, além das indicações bíblicas, remonta a São João Crisóstomo que, na *Homilia IX*, acerca da Carta de São Paulo a Timóteo, culpou Eva por arruinar tudo, no minuto em que ela abriu a boca no Paraíso.

Comentou-se anteriormente neste trabalho acerca da manipulação das fontes originais da misoginia medieval para fins política e ideologicamente construídos. Entretanto, a recorrência mais consistente a certos termos, motivos e estratégias narrativas não parece fazer do discurso da misoginia medieval um sistema, com princípios e padrões estruturais presidindo a sua expressão. Não obstante isso, pelo

menos uma característica básica pode ser apontada a respeito dos escritos e tratados misóginos, a saber, que eles, a exemplo de *Les Lamentations de Matheolous*, de Le Fèvre, foram estruturados de forma extremamente solta, sendo as denúncias e invectivas contra a mulher coladas numa organização sem coerência lógica dos seus argumentos (Cassel, 1975, xx).

Apesar dessa falta de estruturação, alguns modelos tradicionais de escrita foram apropriados pela misoginia medieval. O mais simples deles, derivado provavelmente de Ovídio, foi o modelo de catálogo de exemplos ilustrativos. Esse modelo incluía também a forma de panegírico, em que as boas e virtuosas mulheres bíblicas serviam como contraste, de efeito retórico negativo, para denegrir as más. Outro modelo derivava de Juvenal, da sua conhecida *Sátira VI* que, desaconselhando o casamento, cataloga um rol de mulheres romanas satirizadas por sua inconveniência para o matrimônio. Outro modelo, de forte *auctoritas* dada a sua severidade ancestral, foi o suposto libelo de Teofrasto acerca da ferrenha e persuasiva dissuasão dos pretendentes ao casamento. Incorporado ao *Adversus Jovinianum*, de São Jerônimo, tecia ardilosos comentários misóginos. Ainda outro modelo consistia no recurso expressivo de reclamação em primeira pessoa utilizado pela linguagem feminina, podendo ser encontrado em partes de *La veuve* [A viúva] (século XIII), de Gautier Le Leu; em *Les lamentations de Matheolus*, de Le Fèvre; e em *Il Corbaccio* [O Corbaccio] (c. 1355), de Giovanni Boccaccio (1313-1375).

A seleção de referências feitas neste trabalho a propósito da misoginia na Idade Média representa, na realidade, apenas uma sucinta mostra da enorme quantidade de material sobre o assunto. Na lista de autores e textos apresentados, poder-se-ia ainda incluir nomes como Hildebert de Tours, Hugh de Fouilloy, Peter de Bois e muitos outros, como também produções em diferentes línguas vernáculas.

Um aspecto interessante, que pode ser considerado quando se estuda a prática da misoginia no pensamento e na literatura medievais, é aquele que leva em conta que muitas vezes essa postura antimulher pode ser reconhecida como um jogo que se jogava apenas pelo simples costume ou gosto da denúncia, levando-se à suposição de que a intelectualidade masculinista da Idade Média considerou as fórmulas retóricas da misoginia como uma maneira apropriada para mostrar os seus dotes literários. Talvez nenhum escritor da época tenha chegado tão perto dessa conclusão como Jehan Le Fèvre que, após declarar que havia esgotado os seus argumentos lógicos acerca da

mulher, ainda assim não conseguiu se isentar de lugares-comuns e símiles cunhados, desde longa tradição, para representar a sua figura (1982, II. 2589-648). O que vem ainda demonstrar que poderia tratar-se de um jogo foram as atitudes de Marbod de Rennes e de Le Fèvre, os quais, parecendo exercitarem-se retoricamente dialéticos, emparelharam argumentos ofensivos e defensivos acerca da mulher.

O caso de a misoginia praticada na Idade Média não passar simplesmente de um jogo para o exercício de habilidades retóricas, inocentando assim os seus cultores, apresenta, entretanto, o risco de se subestimar a questão. Embora não se possa negar que existiu, no tratamento da misoginia medieval, um elemento de paixão pelo debate *per se*, também existiu muito de provocação tendenciosa e política nesse debate, para que ele seja considerado como uma coisa não séria ou simplesmente inocente. Nesse caso, basta ser lembrado que, como saldo desse debate antimulher, resultou, entre outras coisas, a incriminação da responsabilidade feminina na Queda e no Pecado Original e, daí, a continuação da exclusão da mulher do serviço e da vida pública.

O que se tem comentado até aqui neste trabalho, fazendo jus ao que o seu título propõe, pode dar a impressão de que o pensamento medieval, em se tratando da mulher, primou-se exclusivamente por uma monolítica postura misógina. Se não perfeitamente concomitante, pelo menos ao lado de uma literatura radicalmente misógina, existiu uma sua contraparte, ocorrendo em defesa da mulher, constituindo como que respostas àquele tipo de literatura. Portanto, foi a partir de ultrajantes pronunciamentos dos misóginos medievais que uma reação contrária se haveria de se enraizar. Mas, essa incipiente antimisoginia medieval constitui assunto para outro trabalho. Finalmente, dado o fato de a misoginia medieval parecer ter sido um fenômeno que, intimamente ligado a valores culturais, constitui, desafortunadamente, a própria mentalidade da Idade Média, o presente trabalho começará por preencher os objetivos do seu autor se ele ajudar a equipar os seus ouvintes para julgarem, por si mesmos, tal assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABELARD, Peter. **Abelard's Christian theology**. Merrick, NY: Richwood Pub. Co., 1948.

ALLEN, Sr Prudence, RSM. **The Concept of Woman: The Aristotelian Revolution 750 BC-AD 1250**. Montreal: Eden Press, 1985.

- AMBROSE St. **Hexameron, Paradise, and Cain and Abel**. Tr. J. J. Savage, FOC, xlii. New York: Fathers of the Church, Inc., 1961.
- ANCRENE RIWLE (THE). Tr. M. B. Salu. London: Burns & Oats, 1955.
- ANDREAS CAPELLANUS. **Andreas Capellanus On Love**. Ed. and tr. P. G. Walsh. London: Duckworth, 1982.
- ARISTOTLE. **Generation of Animals**. Tr. A. L. Peck. London: Heinemann, and Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1963.
- ASTON, M. Lollard Women Priests? In: _____, **Lollards and Reformers**. London: Hambledon Press, 1984, p. 49-70.
- AUGUSTINE, St. **The Trinity**. Tr. Stephen McKenna, FOC, xlv. Washington, DC: Catholic University Press of America, 1963.
- BLOCH, R. Howard. Medieval Misogyny. **Representations**, n. 20, 1987, p. 1-24.
- BOCCACCIO, Giovanni. **The Corbaccio**. Tr. Anthony K. Cassell. Urbana, Chicago and London: University of Illinois Press, 1975.
- BORRESEN, K. **Subordination and Equivalence: The Nature and Role of Women in Augustine and Thomas Aquinas**. Tr. C. H. Talbot. Washington, DC: Catholic University Press of America, 1981.
- CAPES, W. W. **Registrum Johannis Trefnant**. Hereford, 1914, p. 345-7.
- CASSELL, A. K. (Tr.) **The Corbaccio** by Giovanni Boccaccio. Urbana: University of Illinois Press, 1975.
- CHAUCER, Geoffrey, The Wife of Bath's Prologue. In: _____. **The Canterbury Tales**. Tr. David Wright. Oxford: Oxford University Press, 1955, p. 219-39.
- CHRISTINE DE PIZAN. **The Book of the City of Ladies**. Tr. Earl Jeffrey Richards. New York: Persea Books, 1982.
- DELHAYE, P. Le Dossier anti-matrimonial de l' *Adversus Jovinianum* et son influence sur quelques écrits latins du xiie. siècle. **Medieval Studies**, 13, 1951, p. 65-86.
- GALEN. **Galen: On the Usefulness of the Parts of the Body**, ii. Tr. Margaret Tallmadge May. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1968.
- GAUTIER LE LEU. The Widow. In: HELLMAN, Robert and O' GORMAN, Richard. **Fabliaux: Ribald Tales from the Old French**. New York: Thomas Y. Crowell Co., 1965.
- GOWER, John, A Lover's Confession. In: _____. **The English Works of John Gower**. Ed. G. C. Macaulay. 2 vols., EETS, ES 81. London, 1900, ii, p. 354-5.
- THE HOLY BIBLE**. Tr. from the Latin Vulgate, part first published at Douai in 1609, and part at Rheims in 1582. Belfast, 1852 edn.
- INNOCENT III, POPE. **Lotario dei Segni, De miseria condicionis humane**. Ed. and tr. R. E. Lewis. Athens, Ga.: University of Georgia Press, 1978.
- ISIDORE OF SEVILLE, St. **Isidori Hispalensis Episcopi: Etymologiarum sive Originum libri xx**. 2 vols. Ed. W. M. Lindsay. Oxford: Clarendon Press, 1962.
- JACQUART, D. and THOMASSET, C. **Sexuality and Medicine in the Middle Ages**. Tr. M. Adamson. Cambridge: Polity Press, 1988.

JEHAN LE FÈVRE. **Les Lamentariones de Matheolus et le Livrre de Leesce**. Ed. A.-C. Van Hammel, 2 vols. Paris: Bouillon, 1982, 1905.

JEROME, St. Against Helvidius. In: _____. **The Principal Works of St Jerome**. Ed. P. Schaff e trad. W. H. Fremantle. Christian Classics Ethereal Library, Nicene and Post-Nicene Fathers, series II, v. 6. Grand Rapids, Michigan: WM. B. Berdmans Publishing Company, 1892, p. 758-778. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf206.pdf>>.

_____. Against Jovinian. In: _____. **The Principal Works of St Jerome**. Ed. P. Schaff and tr. W. H. Fremantle. Christian Classics Ethereal Library, Nicene and Post-Nicene Fathers, series II, v. 6. Grand Rapids, Michigan: WM. B. Berdmans Publishing Company, 1892, p. 779-907. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf206.pdf>>.

JOHN CHRYSOSTOM St, Homily IX. In: _____. **The Homilies of S. John Chrysostom on the Epistles of St Paul to Timothy, Titus and Philemon**. Library of Fathers of the Catholic Church. Oxford: John Henry Parker, 1843, p. 69-72.

JOHN OF SALISBURY. **Policratici sive De nugis curialium et vestigiis philosophorum**. Ed. C. C. Webb. 2 vols. Oxford: Clarendon Press, 1909.

_____. **The Frivolities of Courtiers and the Footprints of Philosophers**. Tr. J. B. Pike. Minneapolis: University of Minnesota Press, and London: Oxford University Press, 1938.

JUVENAL, Satire VI. In: _____. **The Satires of Juvenal**. Tr. Rolfe Humphries. Bloomington: Indiana University Press, 1958.

MCLAUGHLIN, Eleanor. Les Femmes et l'hérésie médiévale: un problème dans l'histoire de la spiritualité. **Consilium**, n. III, 1976, p. 73-90.

MANN, Jill. **Geoffrey Chaucer**. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1991.

MAP, Walter. The Letter of Valerius to Ruffinus, against Marriage. In: _____. **De Nugis Curialium, Courtiers' Trifles**. Ed. and tr. M. R. James, ver. C.N.L. Brooke and R. A. B. Mynors. Oxford: Clarendon Press, 1983, p. 287-313.

MARBOD DE RENNES. De meretrice. In: _____. **Liber decem capitulorum**. Ed. Rosario Leotta. Rome: Herder, 1984.

OWST, G. R. **Literature and Pulpit in Medieval England**. Cambridge: Cambridge University Press, 1933.

OVID. **Ovid: The Erotic Poems**. Tr. Peter Green. Harmondsworth: Penguin, 1982.

PATTERSON, Lee. "For the Wyves love of Bathe": Feminine Rethoric and Poetic Resolution in the *Roman de la Rose* and the *Canterbury Tales*. **Speculum**, 58, 1983, p. 656-94.

PLINY. **The History of the World Commonly Called the Natural History of C. Plinius Secundus**. Ed. P. Turner and tr. P. Holland. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1962.

PRATT, R. A. Jankyn's Book of Wikked Wyves: Medieval Antimatrimonial Propaganda in the Universities. **Annuele Medievale**, 3, 1962, p. 5-27.

RICHARD DE BUR. **Philobiblon**. Ed. Michael MacLagan. Tr. E. C. Thomas. Oxford: Blackwell, 1960.

- ROGERS, Katharine M. **The Troublesome Helpmate**: A History of Misogyny in Literature. Seattle: University of Washington Press, 1966.
- ROUSSELLE, A. **Porneia**: On Desire and the Body in Antiquity. Tr. F. Pheasant. Oxford: Blackwell, 1988.
- SCHMITT, Charles B. Thephrastus in the Middle Ages. **Viator**, n. 2, 1971, p. 259-263.
- SCHULZ, Franz. **Faksimile der Erstausgabe von 1494**. BNUS alsatiques M 135 087. Estrasburg: Karl J. Trübner, 1913.
- TERTULIAN. The Apparel of Women (*De cultu feminarum*). Tr. E. Quain. In: **Tertulian**: Disciplinary, Moral and Ascetical Works. Tr. R. Arbesman et alii. FOX, xl. New York, 1959.